

## *História (São Paulo)*

### *Trabalhadores em festa: associativismo recreativo e construção de identidades*

### *Workers party: recreative associations and construction of identities*



**Juçara da Silva Barbosa de MELLO**

PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Contato: [jsbmello@puc-rio.br](mailto:jsbmello@puc-rio.br)

**Resumo:** Este artigo pretende problematizar a noção de um operariado tutelado, cuja identidade teria sido forjada a partir de relações de dominação/subordinação no espaço de trabalho. Para isto trará à evidência experiências em que outras esferas da vida social, como a da família, da vizinhança e especialmente a esfera do lazer – embora marcadas pela centralidade do trabalho fabril –, constituíram espaços em que se forjavam identidades a partir de outros critérios que podiam ser ao mesmo tempo antagônicos e complementares. Aponta também para a complexidade que marca as experiências no cenário de transformação do caráter rural do contexto de atuação desses trabalhadores.

**Palavras-chave:** Trabalho; lazer; identidades.

**Abstract:** This article aims to discuss the notion of a tutored working class, whose identity had been forged from relations of domination / subordination in the workspace. For this will bring the evidence experiences in which other spheres of social life such as family, neighborhood and especially the leisure sphere – although marked by the centrality of factory work – formed spaces in which forged identities from other criteria, It could be both antagonistic and complementary. Also points to the complexity of brand experiences in the scenario of transformation of the rural character of the context of performance of these workers.

**Keywords:** Work; leisure; identities.

### *Apresentação*

A festa, tanto quanto o trabalho, constituiu-se em espaço social no qual mais de uma geração de operários das fábricas têxteis de Santo Aleixo<sup>1</sup> forjaram suas identidades, num processo que alcançou a sua mais forte expressão no período que compreende as décadas de 1930 a 1960. Esses sujeitos históricos individuais e coletivos vivenciaram experiências comuns forjadas em espaços diversos de atuação, como os do trabalho, da casa e do lazer. Neles foram capazes de pôr em permanente tensão estratégias empresariais de dominação e controle, com atitudes de consenso e de resistência orientadas, por um lado, por tradições herdadas dos modos de vida da família patriarcal camponesa, e, por outro, pelas novas condições de vida e trabalho que passaram a estar submetidas ao universo da fábrica com vila operária.

A chegada ao local em 1935 e 1940, respectivamente, dos empresários Hermann Mattheis e Othon Lynch Bezerra de Mello marcou um período de grande investimento na modernização das duas fábricas já existentes no lugar. A racionalização e o controle do tempo dos operários, dentro e fora do espaço de trabalho, foram ações paralelas à modernização do maquinário. O modelo de administração praticado por esses empresários, desde o início de suas chegadas a Santo Aleixo, pautou-se pela tentativa de dominação de sua força de trabalho por meio do controle de todas as suas atividades cotidianas, fossem elas as concernentes ao espaço do trabalho ou do lazer.

Dentre as atividades de lazer, estavam as realizadas nos clubes esportivos. Essas agremiações possuíam uma estreita vinculação com as fábricas, que, do ponto de vista material, representavam seus principais pilares de sustentação. Cada uma das duas fábricas do distrito de Santo Aleixo patrocinava um dos dois clubes do local, estimulando a forte rivalidade que caracterizava a relação entre seus participantes.<sup>2</sup> Concorrências que também ficavam visíveis nas animadas disputas de Blocos de Carnaval.

Os grupos carnavalescos, no entanto, apresentavam-se de forma mais diversificada, tanto em número, quanto no perfil heterogêneo de seus participantes. Diversos blocos com diferentes características estiveram em funcionamento, geralmente formados a partir de laços criados no espaço do trabalho e das relações de vizinhança. Essas circunstâncias contribuíram para alimentar a rivalidade que marcava os dois bairros operários – Andorinhas e Guarany – formados ao redor das duas fábricas de Santo Aleixo, o que não chegava a significar – como será sugerido adiante – nem uma absoluta unidade entre os operários-moradores das vilas, nem uma separação rígida entre eles.

Estudos empíricos focando a vida cotidiana, com atenção às experiências dos sujeitos, tornaram possível a percepção de uma dinâmica social e cultural no interior desses grupos, apontando para a presença do conflito, não somente através das relações que se constituem no espaço do trabalho – seja

por meio do próprio movimento operário organizado ou através de ações individuais e coletivas desvinculadas das grandes ideologias –, mas igualmente nas relações estabelecidas no espaço do *ócio*, constituído por uma densa rede de sociabilidades, na qual identidades são forjadas e ressignificadas.

Conforme aponta Maria Célia Paoli, a heterogeneidade da sociedade, libertada do paradigma unitário que marcou o pensamento sobre as classes sociais, aparece como “diversidade de experiências vividas no interior de relações sociais historicamente constituídas, apontando distintas formas de se viver situações concretas de dominação e exploração” (PAOLI, 1987, p. 56). Tal é a perspectiva que orienta esta análise. Ocupada em desvencilhar-se do essencialismo presente em limitadoras visões sistêmicas das culturas, considera a situação de dominação/subordinação constituída no distrito operário de Santo Aleixo em sua complexidade, ou seja, na dinâmica de conexões simbólico-culturais ocorrida na experiência cotidiana no espaço do trabalho, mas, aqui, especialmente no espaço da festa.

Nesse sentido, o que se busca apresentar neste texto não é uma negação das ações organizadas como importantes formas de atuação política dos trabalhadores, mas o desvio do foco para outra dimensão, feita tão legítima quanto esta. A dimensão em que se torna possível uma análise do modo como trabalhadores anônimos vivenciaram suas próprias experiências e o que pensavam sobre elas. Enfim, sobre as ações e representações constituintes de uma história descrita pelos próprios atores que a protagonizaram, do que resulta uma visão mais abrangente sobre o multifacetado mundo do trabalho.

### ***Identities compartilhadas: aspectos do carnaval de Santo Aleixo entre 1930 e 1960***

Os carnavais da década de 1930 foram marcados por dias de muita festa no distrito operário de Santo Aleixo. Os festejos eram animados por desfiles de blocos carnavalescos bem peculiares, conhecidos como Ranchos. Entre eles podemos citar o Borboleta Vaidosa, As Venturosas e o famoso Rancho das Magnólias. Esses blocos carnavalescos eram constituídos por foliões que percorriam as ruas dançando e cantando sua música característica: a marcha-rancho, mais lenta que a marchinha carnavalesca. De acordo com o depoimento de Waldomiro Pinto Carneiro, o “Seu Mila”, “o Sr. Canudo que sugeriu o nome do Rancho As Venturosas, em homenagem a sua égua que ficara muito doente e só foi curada depois de muito remédio e oração”. O Sr. Mila nos relata ainda que Alexandre Magalhães, presidente do Rancho As Venturosas, além de grande carnavalesco, era também um hábil carpinteiro da fábrica. Por estes atributos, o “Sr. Tuíta” – como era comumente conhecido o Sr. Alexandre Magalhães – foi homenageado pela administração da fábrica, que batizou como Tuíta uma das ruas da Vila Operária.

O relato do Sr. Mila é revelador das imbricações que podiam ocorrer entre as diferentes identidades assumidas pelos operários-moradores de Santo Aleixo. O espaço do lazer aparece, nesse caso, como elemento *a priori* na relação estabelecida com a esfera do trabalho. A referência à habilidade no trabalho é posta como complementar ao lugar central atribuído à função desempenhada pelo operário na esfera do lazer. Nisto observam-se as contingências plurais que marcam o processo de formação das identidades, dinamicamente forjado no bojo de conexões e articulações culturais assimétricas, que embora refletissem em alguma medida o peso das relações sociais de dominação/subordinação predominantes à esfera do trabalho – ainda que não restritas a ela –, evidencia, assim, a ausência de uma suposta tutela que seria exercida sobre esse operariado, a ponto de impor condutas e moldar identidades. Tudo isso considerando que a construção dessa narrativa é elaborada em momento cuja vivência do desfecho de diversos acontecimentos ocorridos *a posteriori* desse presente do fato narrado, aliados à perspectiva de futuro forjada nesse mesmo momento, atua sobre as escolhas *do quê*, assim como *do como* esses indivíduos lembram de seu passado (VELHO, 2003).

Em vista de tal questão, Pierre Bourdieu alerta sobre a necessidade de atenção indispensável para a pluralidade de campos a partir dos quais, a cada instante, agem os sujeitos (BOURDIEU, 2006, p. 183-191). Com isso o autor propicia a reflexão acerca das vivências cotidianas, de suas dúvidas e incertezas e, como afirma Giovanni Levi, “do caráter fragmentário e dinâmico da identidade e dos momentos contraditórios de sua constituição” (BOURDIEU, 2006, p. 169).

Dentre os diversos registros da notoriedade que as manifestações festivas alcançavam estão os referentes ao bloco Pai João, surgido em 1933, conforme consta na crônica “Velhos carnavais”, de Maurício Gonçalves Lopes:

Valia de tudo: mulinhas feitas de saco e bambus, homens vestidos de mulher, gente carregando pilão de café, panelas, trouxas de roupas e até cenas buliçosas criticando alguém ou alguma coisa mais digna de nota. À frente estaria sempre o sanfoneiro popular Vitalino, seguido de Canuto e outros operários da fábrica. Já nesta época, o Carnaval de Andorinhas (bairro em que se localiza uma das duas fábricas de Santo Aleixo) era muito colorido e as moças e rapazes faziam suas fantasias com muito luxo. Era comum o uso do melhor cetim laquê na confecção das odaliscas e princesas que desfilavam nas ruas e nos salões (LOPES, 1970).

As manifestações dos operários-foliões ou foliões-operários no bloco Pai João, vistas na descrição do cronista, apontam para a festa de carnaval como um momento de suspensão da rotina de trabalho, simbolizando a quebra do cotidiano. Um tempo “fora do normal” em que os homens podem

vestir-se de mulher, enquanto as mulheres operárias, submetidas cotidianamente às condições insalubres do trabalho fabril, tornam-se princesas e odaliscas a desfilar majestosamente pelas ruas da cidade. A descrição das “cenas buliçosas criticando alguém ou alguma coisa” revelam também que o Carnaval podia significar, além de um momento de inversão do cotidiano, com homens vestidos de mulher e operárias de princesas, a existência de um diálogo crítico com o corriqueiro, o habitual.

Em 1941, a partir da junção de membros de vários grupos, como o bloco Pai João, antigo Rancho das Magnólias, e outros que já participavam do Bloco do Zildo, surgiu o famoso Bloco Filhos do Sertão. Este bloco era composto por operários da Fábrica Andorinhas, moradores da Vila situada em seus arredores. Antigos componentes e admiradores relatam que no primeiro desfile as fantasias foram feitas de panos de saco, mas “no ano seguinte o bloco foi organizado e passou a ter suas próprias fantasias”, confeccionadas em cetim e lamê, sempre com muitas penas.

Os Filhos do Sertão desfilaram de 1941 a 1946 com enredos muito bem elaborados para a época [...] seus desfiles eram às 16:00 e também às 9:00 da manhã, com aproximadamente 200 componentes. Em 1946 desfilaram 42 moças. Os caboclos chamavam com apito e as moças acordavam para a alvorada e iam buscar o estandarte [...] todos os anos os componentes iam até a casa do Sr. Hermann Mattheis (proprietário da Fábrica Andorinhas) que os esperava com uma mesa farta e muita festa (ALBUQUERQUE, 1992).

Nilce de Albuquerque foi a primeira porta-estandarte do bloco, sempre acompanhada do mestre-sala Carlos Santos. À frente do bloco, saíam os foliões chamados de caboclos; logo após, a ala das moças; por último, a bateria. Durante o desfile, cantava-se de cinco a sete marchas. Havia também uma marcha reservada para o momento da alvorada, quando a porta-estandarte dançava em frente a algumas casas, e as famílias que tinham maiores recursos deixavam sua contribuição em dinheiro no estandarte, que era a grande referência do desfile.

**FIGURA 1 - Bloco Carnavalesco Filhos do Sertão (1944)**



Fonte: Autor desconhecido. Acervo de Ademir Calixto.

O bloco de penas Filhos do Sertão trazia em seus desfiles um ritual criado a partir do mito que girava em torno da tribo dos Timbiras, que supostamente predominava nessas paragens por ocasião da chegada dos jesuítas. Os caboclos vestidos de índios, presentes nos desfiles, representavam os componentes dessa tribo. Na frente do desfile, representando a rainha indígena da Taba: a Mirindiba, estava Edna Soares, uma das mais ilustres componentes do bloco Filhos do Sertão. A rainha Mirindiba era louvada em prosa e versos de Crenã e Caxi, cujas vozes se erguiam ao deus Quaipuiá, rogando bençãos: beleza, paz e o plantio as margens dos rios (LOPES, 1970).

**FIGURA 2 - Componentes do Bloco Carnavalesco Filhos do Sertão (1944)**



Chamo a atenção para observação de componentes negros no Bloco.  
Fonte: Autor desconhecido. Acervo de Ademir Calixto.

Em seu estudo sobre a prática da *Rough Music* na Inglaterra do século XVII, Thompson chama a atenção para a intermediária posição ocupada pelos ritos, tendo por um lado o mito e por outro sua função. Segundo o autor:

Aqueles que representam esses ritos podem ter esquecido há muito tempo as suas origens míticas. Entretanto, os próprios ritos evocam poderosamente os significados míticos, mesmo que esses sejam compreendidos de modo apenas fragmentário e parcialmente consciente (THOMPSON, 1998, p. 382).

O lugar de destaque ocupado pelas mulheres pode representar um ponto de intersecção ou – tomando de empréstimo a expressão de Thompson – uma “posição intermediária” entre a representação das origens míticas e as de suas funções no presente. A intenção, nesse sentido, consiste em menos entender a estrutura do mito e mais a de compreender “a posição intermediária dos ritos, representados e transmitidos”, pois, como afirma Thompson, o contrário disso pode acabar “subestimando a racionalidade dos atores”, o que pode levar à desconsideração dos significados que os próprios participantes dão ao evento.

Nos depoimentos e nas crônicas a respeito dos desfiles do Bloco de Penas Filhos do Sertão, as mulheres aparecem em quantidade expressiva e em lugares de proeminência na agremiação. Esse fato também é observado em outra agremiação semelhante a essa, que surgiria posteriormente, tornando-se sua principal rival, o Bloco de Penas Tribo Guarany.

As letras das marchinhas que davam o tom aos desfiles surgem como outra evidência que aponta para a valorização da representação feminina nesses grupos.

Rapaziadas venham ver  
Nossas caboclas do sertão  
Saíram das matas com prazer  
Para brincar o carnaval.  
As nossas índias são formosas  
E lá na selva não tem outras iguais  
São sem orgulho, não têm maldades  
Pois do carnaval levam saudades.<sup>3</sup>

Nessa perspectiva, chama a atenção a representação – no tempo dos acontecimentos e no tempo das lembranças – presente na memória coletiva dos trabalhadores acerca do episódio da morte prematura de uma jovem. A “bela Edna Soares”, operária da Fábrica Andorinhas, representou por anos a imagem mítica de Rainha da Taba nos desfiles do bloco Filhos do Sertão, numa atuação somente interrompida pela fatalidade de uma tuberculose, doença que ceifou a vida de muitos trabalhadores na época. A data de sua morte coincide com o ano em que o bloco Filhos do Sertão desfilou pela última vez, no embalo de uma marchinha que homenageava a ilustre porta-estandarte. Segundo narrativa de D. Nelly – espectadora fiel dos desfiles: “neste ano, me recordo bem do pai da índia que partiu, em pé na porta a chorar, e a caboclada cantando e chorando prestando-lhe essa homenagem tão merecida” (MELLO, 2009):

No alto da Serra sai a caboclada que vem anunciando,  
Falta uma cabocla que não está na tribo, estamos procurando,  
Há muito tempo era nossa índia de coração.  
Ela foi embora, mas deixou saudades e recordação!<sup>4</sup>

É importante observar que o destaque das mulheres no espaço da festa estava permeado por rígidos padrões morais. Esses “trabalhadores-foliões” ou “foliões-trabalhadores”<sup>5</sup> encontravam-se submetidos a uma rígida hierarquia no espaço de trabalho e fora dele, fundada numa classificação sexual e etária que, em grande medida, representava o reflexo das tradições familiares. Boa parte dos trabalhadores das fábricas de Santo Aleixo era constituída por famílias de origem camponesa, com

tradição patriarcal, fundada em rígidos padrões morais, cujos efeitos cerceadores recaíam especialmente sobre as mulheres. Essas famílias migravam de áreas rurais de regiões vizinhas, atraídas pela disponibilidade de trabalho e moradia, como aparece em evidência na fala da operária: “Nós viemos pra cá por causa da fábrica, porque já não dava mais pra trabalhar na roça, a vida na roça tava [*sic*] muito difícil” (PÉCLAT, 2007).

Raymond Williams, ao refletir sobre as relações entre a vida no campo e a vida na cidade na Grã-Bretanha, põe ênfase no fato de que apesar de todas as experiências transformadoras propiciadas pela emergência do modo de vida da sociedade industrial, percebe-se de modo extraordinário, já no século XX, que “persistem [do mundo rural] formas de antigas ideias e experiências”. Desse modo, guardadas as devidas ressalvas quanto à enorme diversificação que marca os extremos entre campo e cidade em qualquer lugar do mundo, como observado pelo autor no tempo e espaço de atuação da sociedade inglesa, também no espaço circunscrito que compreende esta análise, é possível perceber que persistem certas imagens e associações que, tal como Williams observa no caso inglês, devem ser descritas e analisadas em conexão com a experiência historicamente variada (WILLIAMS, 2011, p. 11-21).

É nesse sentido que se constatou que nos diversos campos relacionais (família, trabalho fabril, lazer), na relação entre os gêneros, a existência de uma hierarquia social que não se cria exclusivamente a partir do trabalho fabril, mas que com ele se articula de diferentes maneiras, através de interações recíprocas com outras esferas do social. É assim quando se observa o tratamento dado à mulher nos espaços da festa, que embora as colocassem em destaque, o fazia a partir dos princípios patriarcais que regiam as famílias operárias. A forte hierarquia presente no espaço de trabalho, delimitadora dos lugares masculino/feminino, se fazia presente igualmente em outras esferas, embora de maneiras diferenciadas.

Isso é o que parece ocorrer nos casos em que a manutenção do princípio patriarcal da família camponesa, no ambiente e da produção fabril, era favorecida pela moral familiar apregoada pela empresa, contribuindo para o consenso dos trabalhadores em torno de sua ideologia. Do ponto de vista dos trabalhadores, a disseminação de uma moral familiar pelas empresas, para além de representar dominação por meio de um mecanismo de controle e repressão, significou também um canal aberto para constante reivindicação da contrapartida do empresário no jogo de compromissos e lealdades trazidos pela noção de família, por ele mesmo difundida. Segundo Fortes e Negro,

[...] uma estratégia empresarial não se impõe por si só. Se circunscreveu os trabalhadores numa relação de reciprocidade, era atualizada sob a interferência

recriadora desses mesmos trabalhadores. Sua socialização no interior do mundo grandioso e novo da fábrica “moderna” não representava subjugação total. Criando formas de sociabilidade e identidade demarcavam alianças, diferenças, espaços e tempos próprios, forjando uma “cultura fabril” marcada por uma forte noção de dignidade operária [...] (DELGADO; FERREIRA, 2007, p. 197).

Essa cultura *fabril* precisa ser considerada em sua constituição por atravessar/ser atravessada pelas relações hierarquizadas de dominação e subordinação, instituindo formas e signos. Nesse sentido, cumpre considerar, de maneira ampla, as referências culturais e os padrões morais que norteavam a vida cotidiana desses trabalhadores, de modo a entrever sua complexidade num – ainda que desigual – jogo de reciprocidades, marcado por um dinâmico processo de apropriações e recriações.

É recorrente na fala desses trabalhadores a observação de que “não era qualquer pessoa que podia participar do bloco”. No interior do grupo de trabalhadores de Santo Aleixo havia diferenciações determinadas, além do sexo e da idade, pelas categorias socioprofissionais (MELLO, 2008). Tais diferenciações se estendiam para o mundo exterior à empresa: “Do bloco Filhos do Sertão só participava a elite, quer dizer, as famílias mais melhoradas. Eles tinham ajuda da direção da fábrica”, afirma o Sr. Adecir.

Entenda-se que a “elite” a que se refere o ex-operário-folião compreende critérios mais amplos de definição que aqueles restritos aos de fundamentação econômica. Estavam, pois, relacionados ao prestígio social garantido àquelas famílias cujos valores morais estivessem mais fielmente enquadrados nos padrões culturais que regiam a comunidade como um todo, e que em certa medida estavam em conformidade com os padrões desejados pelos empresários, mas que evidencia a forte presença da noção de dignidade operária mencionada acima. De acordo com Paulo Lopes (um dos diretores do bloco de penas Tribo Guarany), “Só podia participar do bloco gente honesta. O negócio era tão bem feito que se desconfiasse de uma moça ela não entrava no bloco, e tem outra: tinha gente pra buscar e levar as moças em casa nos dias de ensaio. “Só participava gente de família” (LOPES, 2010).

Quando questionado acerca da participação de pessoas negras no bloco, o Sr. Paulo Lopes assinala: “Podia participar todo mundo, mas tinha que ser honesto. No bloco tinha também gente de cor, não tinha essas coisas não” (LOPES, 2010). De fato, com o cruzamento da análise de diferentes categorias documentais, como fotografias da época, ata de associações e através de uma série de depoimentos, constatou-se não haver restrição explícita à participação de negros em associações recreativas, sindical ou mesmo no espaço do trabalho. Contudo, é fato também a ausência de negros em cargos de liderança nessas associações ou em posição de proeminência no fortemente hierarquizado espaço da fábrica.

**FIGURA 3 - Escola de Samba Unidos do Andorinhas (195-)**



Chama à atenção a presença de muitos negros no bloco.

Fonte: Autor desconhecido. Acervo particular de Adecir Leal, digitalizado pela autora.

Os dados obtidos acerca da presença negra nos espaços de socialização informam sobre a composição étnica dos trabalhadores, de suas inter-relações e dos efeitos sobre os padrões culturais que norteavam a sociedade local. Há pistas que apontam para a presença de um número significativo de descendentes de imigrantes italianos e alemães entre os primeiros operários-moradores do local.<sup>6</sup> Dado interessante para refletir sobre as “intensidades e dissonâncias perdidas”, ou seja, para um questionamento acerca da univocidade dos “ecos do Carnaval” (CUNHA, 2001), levando em conta que a presença negra – de um modo geral – constitui-se em paradigma de formação do universo carnavalesco.

O Bloco de penas Tribo Guarany, criado pouco depois do bloco Filhos do Sertão, semelhantemente ao modo como ocorria neste último, tinha como marca a forte participação feminina, regulada através de rígidos padrões morais. Seus componentes eram todos operários da Fábrica Esther e moradores da vila construída em seus arredores. A fábrica contribuía com os desfiles de diferentes maneiras. A ajuda podia ser dada, por exemplo, dispensando-se os operários de algum tempo do trabalho para que pudessem ensaiar ou fazendo a cessão de materiais, como indica a fala do operário

Paulo Lopes: “Tinha um gerente camarada que mandava a gente tingir as coisas na fábrica, as penas do bloco e ajudava com tecidos para as fantasias”.

Maria Oneida Péclat, que trabalhou toda sua vida na Fábrica Esther e foi moradora da Vila Operária, é um exemplo típico de valorização da presença feminina não só no Carnaval, mas nos demais espaços festivos em que estavam associados os operários, como os clubes esportivos e os bailes (tardes dançantes) realizados dominicalmente na sede do Clube. Hoje já idosa, recorda que sempre existiu rivalidade entre o Andorinhas Futebol Clube e o Guarany Futebol Clube (bairros em que se encontravam as duas fábricas e suas respectivas vilas operárias). “Eu sempre gostei de futebol [...] quando o Guarany jogava contra o Andorinhas, era saia vermelha e blusa branca e era aquela briga, aquela discussão. A gente brigava mesmo por causa do time. Inclusive eu fui madrinha do Guarany em 1958” (PÉCLAT, 2007).

**FIGURA 4 - Maria Oneida Péclat – madrinha do GFC em 1958.**



Fonte: Autor desconhecido.  
Acervo particular de Maria Oneida Péclat, digitalizado pela autora.

Maria Oneida também foi destaque nos desfiles do Bloco Tribo Guarany. Os componentes deste bloco, assim como seus rivais de Andorinhas (o Filhos do Sertão), desfilavam vestidos de índios e

contavam com carros alegóricos adaptados em caminhões cuja cabine era retirada, para que fossem ornamentados de acordo com o tema.

**FIGURA 5 - Componentes do Bloco Tribo Guarany (1944)**



Da esquerda para a direita, Paulo Lopes e a terceira Maria Oneida Péclat.  
Fonte: Autor desconhecido. Acervo particular de Paulo Lopes, digitalizado pela autora.

A mesma mulher considerada rainha em outras esferas da vida era a que “[...] tinha vergonha de dar a mão às pessoas porque era calo purinho [...]”, evidenciando um contraste de posições e representações que se fortalece na medida em que são evocadas reminiscências da vida no espaço do trabalho. Diz Maria Oneida: “eu saía da fábrica, só tinha a barra da saia enxuta, o resto tava [sic] tudo molhado, e junto com a poeira ficava uma lama”.

Essas diferentes posições sugerem a existência de múltiplas identidades marcando a vida desses trabalhadores, forjadas a partir da criação de vínculos que se fundam através de redes de relações sociais construídas em torno do trabalho, sim, mas não somente. Outras esferas da vida social, como a da família, da vizinhança e do lazer – embora marcadas pela centralidade do trabalho fabril –, constituíam espaços em que se forjavam identidades e lugares sociais a partir de outros critérios que podiam ser ao mesmo tempo antagônicos e complementares. As identidades se articulavam, despontando com maior ou menor força, em diferentes contextos da vida dos operários-moradores de Santo Aleixo. É assim que Maria Oneida – operária que considerava o trabalho na fábrica “uma *História (São Paulo)* v.34, n.2, p. 310-333, jul./dez. 2015 ISSN 1980-4369

escravidão, uma escravidão mesmo!”, a ponto de chegar a declarar: “[...] eu sofri muito ali naquela fábrica [...] pra mim era um pesadelo” – assumia uma identidade bem diferente no período do carnaval e nos momentos que o antecediam. Essa mulher via emergir uma outra identidade, que, metaforicamente, a colocava numa posição antagônica àquela forjada no espaço do trabalho, ao deslocar-se de seu papel de “escrava” para assumir o lugar de “rainha”, sem que isso significasse absoluta separação entre essas identidades opostas. A administração da Fábrica Esther, visando uma boa apresentação do Bloco Tribo Guarany no desfile de Carnaval, oferecia tratamento especial à “operária-rainha”.

Fui porta-estandarte da Tribo Guarany, inclusive quando eu fui ser porta-estandarte [...] eu sempre fui muito magrinha, né. Então o chefe do bloco (Paulo Lopes) foi pedir ao médico da fábrica pra me dá licença, três dias pra mim descansar, pra aguentar o carnaval. E ele me deu a licença. [risos] A gente desfilava no primeiro dia aqui em Santo Aleixo, no segundo dia desfilava em Magé e no terceiro dia a gente subia pra encontrar. Aí que era o perigo [risos], encontrar Tribo Guarany e Filhos do Sertão. Todo mundo queria ser o melhor (PÉCLAT, 2007).

As identidades forjadas no espaço do lazer e na esfera do trabalho se articulavam, como é possível perceber na fala da operária ao referir-se à fábrica como uma mãe, “uma mãe severa, mas uma mãe” (PÉCLAT, 2007). A diversidade de representações aponta para as especificidades e interdependências recíprocas entre os espaços da vida e do trabalho no distrito operário de Santo Aleixo, fazendo-nos compreender o caráter dinâmico, contingente, provisório e plural que marca as identidades (ALMEIDA; AZEVEDO, 2003).

A terça-feira de Carnaval era o dia mais aguardado pelos componentes e torcedores dos dois blocos, pois era o dia em que “[...] a Tribo Guarany ia para cima e os Filhos do Sertão desciam”, ambos caminhando rumo ao “território inimigo”. Quando os dois se encontravam, um bloco passava por dentro do outro, cumprimentando-se friamente. “Uma ocasião quase houve um conflito sério [...] quando a gente ia passando, meu cunhado agarrou no braço do baterista dos Filhos do Sertão, e aí quase que o desfile virou pancadaria” (PÉCLAT, 2007). Este era o momento em que os tambores soavam mais alto, quando os componentes deviam mostrar maior animação para superar o bloco rival.

A intensa rivalidade que emergia entre os operários-moradores do distrito de Santo Aleixo nos dias de Carnaval, demarcando fronteiras entre os grupos operários das duas fábricas do lugar, refletia fortemente suas diferenciações internas em seus cotidianos de vida e trabalho. Uma rivalidade que também aparecia na relação entre os operários-moradores de um mesmo bairro, empregados da mesma fábrica.

Adecir Leal, antigo carnavalesco e ex-operário da Fábrica Andorinhas, relata que no mesmo período em que o Filhos do Sertão ainda desfilava, outros blocos, com características diferentes, disputavam espaço pelas ruas da cidade. Na década de 1940 foi fundada a Escola de Samba Unidos do Andorinhas, por Natálio Arruda, irmão de Ivo Arruda, um dos fundadores e líderes do Bloco Filhos do Sertão. Segundo Adecir Leal, genro de Natálio Arruda e filho de José da Costa Leal – também dirigente de grupos carnavalescos –, a Escola de Samba Unidos do Andorinhas possuía características que a distinguia do Bloco Filhos do Sertão.

Os mais simples iam pra Escola de Samba, que era mais popular, onde cada um fazia a fantasia que queria. Os Filhos do Sertão era mais organizado. Não tinha muita seleção de pessoas não. Dependia do gosto de cada um. O pessoal do samba era mais solto e os Filhos do Sertão era mais organizado e tinha ajuda dos diretores da fábrica. Os Filhos do Sertão era marchinha e na Escola de Samba era só samba. Era diferente (LEAL, 2009).

Neste caso, a rivalidade entre a Escola de Samba Unidos do Andorinhas e o Bloco Filhos do Sertão não se explica tanto pela influência das fábricas. O que parece estar em jogo são as relações de vizinhança e parentesco, evidenciando mais uma vez a capacidade de formação de espaços próprios e da recriação de outros a que foram submetidos. “Era uma concorrência danada entre os dois irmãos: um era presidente da Escola de Samba e o outro dos Filhos do Sertão”, relata Adecir Leal.

Em 1942, a *Revista da Semana* publicou duas imagens que registram cenas do carnaval de Santo Aleixo, ilustrativas da diferenciação a que faz referência Adecir Leal na citação acima. Note-se que a imagem do carnaval no Cine Andorinhas retrata famílias operárias vestidas com fantasias bem mais simples, relativamente às vestimentas dos componentes do Bloco Filhos do Sertão, com alegorias características e seus imponentes cocares.

FIGURA 6 - Revista da Semana, 07 mar. 1942.



Fonte: Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Desse modo, parece claro que os blocos de penas Filhos do Sertão e Tribo Guarany apresentavam características peculiares em face dos demais grupos carnavalescos que funcionaram no mesmo tempo e local. Entretanto, é preciso problematizar a ideia corrente de que o “pessoal do samba” era desorganizado – em contraposição ao dos blocos de penas, notadamente “respeitáveis”. A iconografia disponível favorece tal relativização, uma vez que sugere uma representação dos participantes da Escola de Samba Unidos do Andorinhas que contradiz a suposta desordem. Imagens de carnavais do período apresentam membros da Escola de Samba Unidos do Andorinhas harmoniosamente caracterizados com fantasias que acompanhavam um enredo principal, cujo tema encontrava-se devidamente expresso na letra do samba que embalava o desfile do grupo. No ano de

1945, por exemplo, o enredo foi “A cobra fumando”, em alusão à atuação vitoriosa da Força Aérea Brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Os bravos soldados brasileiros  
que vêm demonstrando seu valor  
nos campos da velha Europa  
dizendo que a cobra fumou.  
Essa jornada gloriosa que todo mundo já sabe.  
Enche de orgulho os brasileiros e o valor de nossa FAB.

**FIGURA 7 - Escola de Samba Unidos do Andorinhas (1945)**



Destaque para a alegoria da cobra fumando ao centro, a bandeira à esquerda e o estandarte à direita. Atenção para componentes posando com o “V” da vitória na 2ª Guerra Mundial.

Fonte: Autor desconhecido. Acervo particular de Adecir Leal, digitalizado pela autora.

A festa apresenta-se, assim, aos seus participantes, como a expressão de representações forjadas a partir de um estoque simbólico comum, cujo conteúdo, ao ser experimentado pelos sujeitos, ganha novos e distintos significados. No processo de compartilhamento desses símbolos, são criadas *variadas e variáveis* identidades a partir das tensões que subjazem às experiências próprias desses sujeitos individuais e das conflitantes relações sociais, étnicas e de gênero, dando à festa – neste caso, a festa nos dias de carnaval – um caráter polimorfo e polissêmico.

Polimorfa porque experimentada por meio de variados formatos, e polissêmica porque isenta de um sentido unívoco. Os participantes, dotados de referenciais comuns vivenciados no cotidiano das

relações de dominação e subordinação que marcavam o espaço do trabalho, se apresentavam, também, dotados de motivações distintas forjadas a partir de outros códigos de identificação, como o étnico e o de gênero.

O compartilhamento de experiências comuns entre os operários de Santo Aleixo, sejam aqueles vinculados a uma ou a outra fábrica, tanto no espaço do trabalho quanto no espaço da festa, contribuiu para forjar uma identidade coletiva local e corporativa fundada em sólidos laços de solidariedade, emergindo em contextos de confronto em face do outro. Experiências que ocorriam em grande medida em função da centralidade do trabalho fabril neste local, articuladas, no entanto, a diversos outros fatores que se intrincavam naquele tempo e lugar, fazendo-os sentirem-se membros de uma mesma comunidade, no sentido de uma congregação de pessoas em condições de vida e trabalho semelhantes. É o que parece apontar a letra da marchinha, tema do Bloco Tribo Guarany, de autoria do operário Paulo Lopes:

A Tribo de Santo Aleixo,  
Chegou, adorada como é,  
Saudando os Filhos do Sertão  
E o povo de Magé.  
E toda a Escola de Samba,  
Pra fazer nossa união.  
Pois em cima desta terra  
Todos nós somos irmãos.

Os blocos Filhos do Sertão e Tribo Guarany desfilaram pela última vez em 1954 e 1955, respectivamente. Nos anos posteriores, o Carnaval de Santo Aleixo continuou a animar os visitantes e a população local. O fim do bloco Tribo Guarany levou o Sr. Paulo Lopes, um de seus diretores, a formar outro bloco de penas, o Flexa Dourada. A primeira marchinha, de autoria do Sr. Paulo Lopes, evidencia que os blocos Filhos do Sertão e Tribo Guarany, entre outros, representaram um importante referencial na constituição de identidades locais entre os moradores de Santo Aleixo.

Lá no infinito eu vi.  
Eu vi uma estrela a brilhar.  
Ela veio anunciando o que povo há de recordar.  
A Tribo Guarany e os Filhos do Sertão,  
que em outros carnavais alegravam a população.  
Nosso bloco está na rua  
Com prazer e emoção,  
Trazemos em nossas fileiras  
O futuro e a recordação.

Em finais da década de 1950, surgiu o Bloco Carnavalesco Aranha, no início como um “bloco sujo, de apanhado na rua. Era um tipo de um bloco de *sujo* mesmo. Só desfilava por aqui e desfilava quem queria” (LEAL, 2009), relata Adecir Leal. Com o tempo o Bloco Aranha foi sendo organizado e passou a receber apoio da Fábrica Andorinhas.

O surgimento deste bloco se deu a partir de acontecimento bastante pitoresco. Um aracnídeo teria picado um operário da Fábrica de Andorinhas, chamado Afonso Carvalho, e, posteriormente, o subgerente, conhecido como “Seu Shimit”. Foi então que o folião Waldomiro Virgílio da Rocha, que também era operário da mesma fábrica, começou a organizar um bloco que brincasse com o caso, conforme relata Adecir Leal:

O gerente alemão, seu Shimit foi picado por uma aranha na seção de algodão da fábrica. Disseram até que ele morreu disso, que teve a perna amputada. Mas ele era um gerente diferente. Os gerentes não se misturavam com o povo pequeno, mas ele era muito popular. Parava no bar e tomava cerveja com o pessoal. O pessoal do bar cismou de fazer uma gozação com ele no carnaval. Era uma gozação e ele pensou que fosse uma homenagem. Ele ofereceu um banquete pro pessoal do bloco quando aconteceu o desfile [...] Seu Shimit botou 1000 cruzeiros no estandarte e a mulher dele botou 500, numa época em que o pessoal de mais condição botava no máximo 20 cruzeiros. Com essa dinheirama todo o pessoal resolveu formar uma diretoria. Assim o bloco começou a ficar organizado e deixou de ser um bloco sujo (LEAL, 2009).

Com o apoio dos homenageados, seu Waldomiro tratou de confeccionar as alegorias e compor a marchinha que se transformou em tema do bloco: “Aranha-boi pra morder não faz convite / mordeu no pé do Seu Shimit. / O pé me dói, já está ficando inchado / Chame o doutor que já tô apavorado” (LEAL, 2009).

Desfilando sem fantasia própria, os foliões traziam como abre-alas uma grande aranha, vindo, em seguida, o estandarte. Desse modo, acontece o primeiro de muitos carnavais que passam a ser animados também por este bloco.

Passado o primeiro desfile, foi organizada a primeira diretoria do bloco. Isso aconteceu em 12 de novembro de 1958, passando a ser esta a data de sua fundação. Sua diretoria era composta principalmente por funcionários da Fábrica Unidas de Andorinhas, que passou a lhe fornecer considerável ajuda financeira.

Anos mais tarde, surge o Bloco Carnavalesco Butantã, organizado por operários da Fábrica Esther. Este bloco já surgiu como o principal rival do Bloco Carnavalesco Aranha, sendo representativa de tal rivalidade a palavra escolhida para o nomear. O Bloco Butantã adotou a imagem de uma cobra

como símbolo, de onde, metaforicamente, se originaria o antídoto para o veneno usado para combater “o Aranha”, seu principal rival.

Outros pequenos blocos funcionaram neste período: O Bloco Mula Manca, Pobre não pode mais viver, O Gordo e o Magro, e a Escola de Samba Preto e Branco fundada em 1942, entre outros. Além do muitíssimo animado carnaval de rua, a folia também acontecia nos clubes. Estes centros esportivos eram associações recreativas muito bem organizadas, contando com os departamentos esportivo e social. Entre as atividades do departamento social, estavam as que envolviam os festejos de carnaval. Também neste setor, a contribuição da administração das fábricas era de fundamental importância na realização dos bailes. Tal contribuição podia ser feita em dinheiro, conforme consta no Livro de Atas do Guarany Futebol Clube – “Ficando estabelecido que a Fábrica de Tecidos Esther, na pessoa de seu gerente, faria uma doação de (CR\$1.000,00) hum mil cruzeiros [...] com o fim de ajudar nos festejos carnavalescos” –, ou em espécie, como aponta o registro de reunião do Andorinhas Futebol Clube presente em seu Livro de Atas – “[...] a fábrica além de nos emprestar seiscentos mil cruzeiros para garantias, nos doou vários materiais de ornamentação, ou seja, tecidos [...] além de muitas outras coisas”.

De modo semelhante a como ocorria no Carnaval de rua, a festa que acontecia nos Clubes era mais um espaço do conflito que do consenso. Na Ata da Assembleia do Guarany Futebol Clube, realizada no dia 22 de fevereiro de 1954, encontra-se narrado um episódio que aponta para a tensão que podia envolver a organização desses festejos. Ali consta que nesta reunião o “Sr. Presidente tratou da música para o carnaval, quando houve diversas discussões. O Sr. Moisés, discutindo com o Sr. Presidente, disse que a música só receberia nove mil cruzeiros. Houve muita discussão e o Sr. Moisés deixou o recinto”.

Moisés Dias era um dos sócios e membro da diretoria do GFC. Ao que parece, havia uma divergência com relação à aplicação de recursos nos bailes de carnaval daquele ano. Após a retirada de Moisés Dias, o então presidente Carmélio Rodrigues, “leu um relatório de contas, que foi aprovado, ficando combinado também que os jogadores do 1º e 2º quadros, nos três dias de Carnaval, não pagariam ingressos”.

Uma série de outros episódios envolvendo os festejos de carnaval estão narrados no Livro de Atas do Andorinhas Futebol Clube e do Guarany Futebol Clube. Episódios que apontam para a existência de uma grande efervescência social em torno do lazer, transformando esses espaços em lugares de embates sociais, em que as identidades dos operários-foliões ou foliões-operários eram permanentemente forjadas.

### ***Apontamentos finais***

Apresentar uma possibilidade de análise do cotidiano dos operários-foliões ou foliões-operários, moradores do distrito de Santo Aleixo, privilegiando sua própria visão, foi o que aqui se pretendeu. Ao fazê-lo, argumentos que corroboram a problematização de um operariado tutelado foram afirmados pela observação de um cotidiano no qual as identidades foram forjadas a partir de critérios distintos, como os da classe social, da etnia e do gênero. Identidades estas que se articulavam em torno da centralidade do trabalho fabril. O espaço privilegiado, posto como referência central – desta vez –,<sup>7</sup> foi o das experiências por eles vivenciadas fora da esfera do trabalho, especificamente no espaço da festa, onde as identidades emergiam assumindo novas e diferentes dimensões.

Nessa perspectiva, observou-se que a identidade ligada ao trabalho, embora ampla e sólida, tinha seus contornos embaçados pela emergência de outras motivações e interesses compartilhados no espaço do lazer. *Variadas e variáveis* identidades envolvendo um mesmo grupo, composto por sujeitos particulares, foram forjadas. Identidades constituídas em torno dos critérios de classe social, etnia e gênero se articulavam ao redor da centralidade do trabalho fabril, e, embora sustentadas por referenciais diversos, ou justamente por isso, propiciaram ações criadoras de espaços sociais próprios, nos quais, também, as estratégias de dominação do patronato, que ultrapassavam a esfera do trabalho, estiveram passíveis de recriação. Portanto, a noção de um operariado tutelado, plenamente submetido a uma lógica de dominação/subordinação, pode ser aqui contraposto. Se, de um lado, o patronato mostrou-se capaz de estender suas estratégias de controle e dominação para as diversas áreas da vida cotidiana desses trabalhadores, de outro lado estavam as ações criadoras e recriadoras que os operários foram capazes de cultivar, ao mesmo tempo forjando e ampliando sua margem de liberdade no interior do sistema de dominação em que estavam imersos.

Numa outra chave de análise foi possível observar que a situação sociocultural experimentada pelos operários-moradores de Santo Aleixo, especificamente nos modos como se davam as manifestações festivas na época do carnaval, apresentava semelhanças com o que ocorria em espaços mais amplos, como na cidade do Rio de Janeiro. Essa constatação corrobora algumas análises sobre o tema, feitas a partir de escalas maiores. Características como a expressiva presença feminina, o estilo musical das marchinhas, a origem social de seus componentes e a existência de enredos fixos nos blocos Filhos do Sertão e Tribo Guarany permitem a observação de semelhanças com os ranchos

cariocas das primeiras décadas do século XX, conforme apresentados por Maria Clementina Pereira Cunha (2001) em sua obra *Ecos da folia*.

Semelhante ao que fora observado por Cunha na capital carioca, em Santo Aleixo, interior fluminense, as variações internas dos diferentes “blocos de sujos”, escolas de samba, ranchos, entre outros, permitem a relativização da existência de algum tipo de padrão rígido em que tais grupos viessem a estar submetidos.

Em suma, a noção de que os trabalhadores envolvidos com o usufruto do lazer seriam meros reprodutores de uma dita cultura dominante, sendo, portanto, o espaço da festa neutralizador de ações e (re)ações de enfrentamento das estratégias de dominação do patronato, não se sustenta quando o foco volta-se à recuperação das experiências dos trabalhadores em geral e não a de uma pequena parte presente nos sindicatos e associações militantes.

Analisar essas experiências a partir da própria experiência e não de algum modelo criado *a priori* permite problematizar a noção de um operariado tutelado, haja vista o seu protagonismo em ações objetivas e simbólicas, as quais possibilitaram flexibilizar e complexificar a noção de uma dominação desmobilizadora. O direcionamento do foco sobre as atividades cotidianas, especialmente as ligadas ao lazer, permite, pois “fundamentar historicamente a ideia de que havia uma pluralidade de sujeitos políticos na sociedade, lutando a seu modo para atingir objetivos que lhes eram caros e assim governar a própria vida” (CHALHOUB, 2001).

## **Referências**

ABREU, Martha. *O Império do divino*. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ALBUQUERQUE, Nilce de. *Depoimento*, por ocasião da comemoração dos cem anos de criação do distrito de Santo Aleixo, em 1992. Entrevistador: Grupo Centenário.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de; AZEVEDO, Cecília. Identidades plurais. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs.). *Ensino de história*. Conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ANDORINHAS FUTEBOL CLUBE. *Livro de Atas*, s/d.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

CARNEIRO, Waldomiro Pinto. *Depoimento*, por ocasião da comemoração dos cem anos de criação do distrito de Santo Aleixo, em 1992. Entrevistador: Grupo Centenário.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecoss da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (orgs.). *O Brasil republicano. O tempo do nacional-estatismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi. Historiografia, trabalho e cidadania no Brasil. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. *O tempo do nacional-estatismo. Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v. 2.

GUARANY FUTEBOL CLUBE. *Livro de Atas*, s/d.

LEAL, Adecir. *Depoimento*, 08 dez. 2009. Entrevistador: Juçara da Silva Barbosa de Mello.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

LOPES, Maurillio Gonçalves. *Velhos carnavais*. Crônica, 1970. Não paginado.

LOPES, Paulo. *Depoimento*, 05 jan. 2010. Entrevistador: Juçara da Silva Barbosa de Mello.

MELLO, Juçara da Silva Barbosa. *Identidade, memória e história em Santo Aleixo*. Aspectos do cotidiano operário na construção de uma cultura fabril. 2008. Dissertação (Mestrado) – UERJ/FFP - Programa de Pós-Graduação em História Social, 2008.

MELLO, Nelly Gualandi de. *Depoimento*, 15 dez. 2009. Entrevistador: Juçara da Silva Barbosa de Mello.

PAOLI, Maria Célia. Os trabalhadores urbanos na fala dos outros. In: LEITE LOPES, José Sérgio (org.). *Cultura e identidade operária*. Aspectos da cultura da classe trabalhadora. Rio de Janeiro: Museu Nacional – UFRJ, 1987.

PÉCLAT, Maria Oneida. *Depoimento*, 18 jan. 2007. Entrevistador: Juçara da Silva Barbosa de Mello.

*RELATÓRIO do vice-presidente da Província do Rio de Janeiro*, João Pereira Darrigue Faro. Província do Rio de Janeiro, 1851. Disponível em: <<http://www.crl.edu/content/brazil/jain>>. Acesso em: 17 mai. 2007.

SILVA, Álvaro José da. *Depoimento*, 09 set. 2006. Entrevistador: Juçara da Silva Barbosa de Mello.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade*. Na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

## Notas

<sup>1</sup> Santo Aleixo é um pequeno distrito do município de Magé localizado no sopé da Serra dos Órgãos, a 70 km da capital carioca.

<sup>2</sup> Para maiores informações sobre os clubes esportivos de Santo Aleixo (Guarany Futebol Clube e Andorinhas Futebol Clube), ver MELLO, 2008, p. 108-130.

<sup>3</sup> Marchinha do Bloco Filhos do Sertão, adquirida em entrevista com Nelly Gualandi de Mello (2009).

<sup>4</sup> Marchinha do Bloco Filhos do Sertão, recordada por Nelly Gualandi de Mello (2009).

<sup>5</sup> As expressões “trabalhadores-foliões” e “foliões-trabalhadores” são utilizadas como definidoras das práticas de um expressivo conjunto de operários do distrito de Santo Aleixo. A combinação desses adjetivos, que parece sugerir certa contradição ou paradoxo, reflete aqui a defesa da complexidade subjacente ao processo de elaboração e reelaboração das identidades desses operários, sugerindo que tal processo não se encerra numa suposta relação de dominação/subordinação forjada no espaço do trabalho. O olhar para o espaço do cotidiano permite perceber a existência de práticas políticas de resistência constituídas a partir de diferentes critérios no espaço do trabalho e do lazer. A consideração da historicidade de tais práticas resulta do desvio do foco para as mediações que se operam no processo de dominação/subordinação, ao mesmo tempo em que os reflete, revelando seus sujeitos de modo a alterar substantivamente as concepções acerca do lugar ocupado pelos “dominados” e do próprio caráter da dominação.

<sup>6</sup> Consta no relatório de província do vice-presidente da Província do Rio de Janeiro, João Faro, do ano de 1851, que a nacionalidade dos trabalhadores da Fábrica Nacional de Santo Aleixo encontrava-se assim distribuída: 83 alemães, 17 brasileiros, seis portugueses, cinco italianos, dois ingleses e dois americanos (RELATÓRIO, 1851, p. 28).

<sup>7</sup> Em nossa pesquisa de mestrado procuramos interpretar as experiências dos operários-moradores de Santo Aleixo pensando a centralidade do trabalho fabril como ponto de partida para a compreensão das manifestações socioculturais e políticas do grupo. Este trabalho, no entanto, reflete o reconhecimento da necessidade de uma análise fundamentada por uma lógica que – sem abrir mão de considerar a centralidade do trabalho – entende a existência de outros referenciais sobre os quais se fundam identidades que se articulam em influências recíprocas com aquelas forjadas em torno do trabalho. Para tanto, buscamos outras fontes e fizemos novas perguntas a fontes já utilizadas.

**Juçara da Silva Barbosa de Mello.** Professora doutora. Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura. Faculdade de História - PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, Rio de Janeiro, RJ - Brasil - 22451-900 - Cx. Postal: 38097 - Telefone: (55 21) 3527-1001. A pesquisa que resultou neste artigo contou com o financiamento da Capes.

Recebido em 31/01/2015

Aprovado em 18/09/2015